

“Ser ou não ser, eis a questão
É mais nobre o espírito sofrer
Os golpes e dardos do destino ultrajante
Ou pegar em armas contra um mar de infortúnios
Que ao enfrentar, eliminamos?”
William Shakespeare, Hamlet

Ser ou não ser, eis a questão

Daniel Olesen e Luís Reis

Recentemente tive a oportunidade de visitar duas escolas secundárias dinamarquesas, no âmbito de um curso de literacia digital em línguas estrangeiras, promovido pelo Centro de Recursos Educativos para a região da Jutlândia do Sul, na Dinamarca.

Uma delas foi a Escola Secundária (Gymnasium) de Tønder, uma cidade junto à fronteira com a Alemanha. A Escola tem cerca de 60 professores e 500 alunos nos 3 últimos anos do ensino secundário, dos 16 aos 18 anos.

Havia a possibilidade de contactar com aulas de diferentes línguas estrangeiras: inglês, alemão, francês, espanhol e russo. Escolhi o francês.

Quando entrei na sala a aula já havia começado. Os alunos estavam dispostos em U, a trabalhar com computadores portáteis, individualmente ou em pequenos grupos. Provinham de diferentes turmas e estavam no segundo ano de aprendizagem de francês.

A professora, Lis Ilsøe-Petersen, colocou-me ao lado do Daniel, que me explicou o que estavam a fazer: uma das tarefas consistia no preenchimento de espaços em branco de frases em francês, onde a palavra em falta estava escrita em dinamarquês entre parênteses; também havia que completar um texto referente à obra em estudo (a autora era argelina e casada com um terrorista).

O Daniel recorria ao dicionário dinamarquês-francês no seu computador quando lhe faltava algum termo em francês ou pretendia validar a sua escolha.

De repente alguns alunos começaram a sair, outros ficaram na sala. Mas era cedo para a aula ter terminado, as aulas duram 90 minutos! Perguntei à professora, que me respondeu: “eles agora podem fazer o trabalho sozinhos, se ficassem aqui dentro gerava-se muito barulho”. Decidi acompanhá-la na ronda. Falei com alunas que preferiram ir trabalhar para uma mesa no refeitório (qualquer semelhança com aqueles a que estamos habituados é pura coincidência), outros foram para a Sala dos Alunos. Apreciei o conforto geral das instalações, apesar do edifício onde estamos datar de 1920.

O dia em que visitei a escola (2 de Fevereiro) era especial: estava-se em campanha eleitoral e todos os alunos

iam assistir a um debate com representantes dos partidos políticos, que começava às 11 horas no ginásio. Mesmo que a maioria ainda não tivesse idade para votar ...

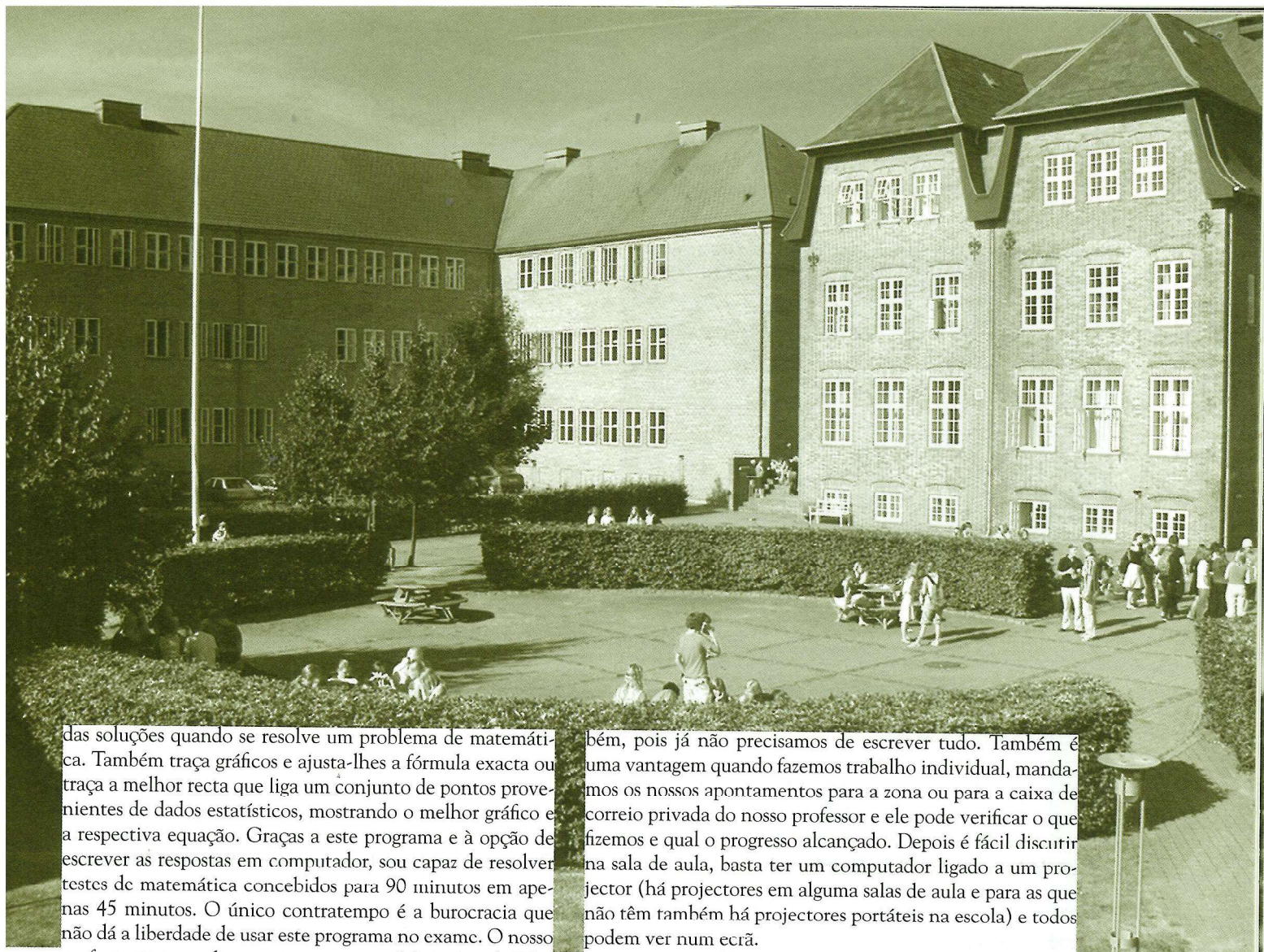
Falei com professores acerca do trabalho envolvendo os computadores, mas achei preferível pedir a um aluno, precisamente o Daniel, o meu *anfitrião* na aula de Francês, que escrevesse o seu testemunho sobre a utilização dos computadores portáteis.

Testemunho

O meu nome é Daniel, sou um aluno dinamarquês na escola secundária de Tønder. Estou no segundo ano (num total de 3) e é o meu décimo terceiro ano de escolaridade. Como qualquer aluno do ensino secundário tenho disciplinas como Dinamarquês, Inglês, História, Educação Física, Geografia e tenho, ou terei, Biologia, Música e Arte. Como sou estudante da área de línguas (em vez da área científica), tive Latim no ano passado e este ano tenho Alemão e Francês. Se fosse aluno da área científica teria Matemática, Química e Física, mas em vez disso tenho todas essas disciplinas reunidas numa só, chamada Ciências.

A nossa escola tenta ser precursora na utilização da tecnologia nas aulas, razão pela qual a maioria dos alunos possui um computador portátil (na realidade quase todos e na minha turma são 28 em 29) que levam todos os dias para a escola. Essencialmente são usados para três coisas. Primeiro, tomar apontamentos em quase todas as disciplinas (com excepção de Educação Física, naturalmente), o que constitui uma grande ajuda porque não se perdem os papéis e podemos organizar melhor os nossos apontamentos quando estão no computador. Também é verdade que alguns de nós teclamos muito mais rapidamente do que escrevemos à mão, além da escrita no computador ser sempre fácil de ler, ao invés da caligrafia.

Segundo, para as aulas de Ciências. Temos um programa chamado TI Interactive. Apesar do nome, não se trata meramente de uma calculadora TI, mas de um programa matemático muito mais avançado. É especialmente eficaz para resolver equações e fazer rapidamente a verificação



das soluções quando se resolve um problema de matemática. Também traça gráficos e ajusta-lhes a fórmula exacta ou traça a melhor recta que liga um conjunto de pontos provenientes de dados estatísticos, mostrando o melhor gráfico e a respectiva equação. Graças a este programa e à opção de escrever as respostas em computador, sou capaz de resolver testes de matemática concebidos para 90 minutos em apenas 45 minutos. O único contratempo é a burocracia que não dá a liberdade de usar este programa no exame. O nosso professor tem estado em contacto com o Ministério da Educação da Dinamarca para ser autorizada a utilização deste programa nos exames.

Por último, usamos computadores para a Internet e intranet. Todos os portáteis possuem uma placa de rede sem fios e cada sala de aula tem um *router* sem fios. Isso prende-nos a todos à Internet, que usamos ocasionalmente durante as aulas para fazer pesquisa. Contudo, é com a intranet que usamos principalmente a tecnologia. Todos os professores e alunos têm uma conta pessoal e acesso a diversas zonas, como lhes chamamos, cada uma com um objectivo específico. Cada turma tem a sua zona, assim como cada disciplina. Há também zonas para as diferentes organizações escolares, há zonas privadas onde só os alunos entram e não os professores, e há várias meramente informativas e que podem ser difíceis de acompanhar. As zonas funcionam como placares de informações, onde podemos colocar recados. Fica registado o autor e a data e todos os que têm acesso podem ler e responder. Ou então escrever o seu próprio recado sobre outra coisa qualquer. É particularmente eficaz para discutir e organizar ou para entregar algo a todos. Em vez de fazer 29 cópias de uma folha de papel, o professor simplesmente anexa um ficheiro e escreve uma mensagem na nossa zona. Depois podemos descarregar o anexo e ficar com ele no nosso computador. Isto poupa imenso papel e muito tempo tam-

bém, pois já não precisamos de escrever tudo. Também é uma vantagem quando fazemos trabalho individual, mandamos os nossos apontamentos para a zona ou para a caixa de correio privada do nosso professor e ele pode verificar o que fizemos e qual o progresso alcançado. Depois é fácil discutir na sala de aula, basta ter um computador ligado a um projector (há projectores em algumas salas de aula e para as que não têm também há projectores portáteis na escola) e todos podem ver num ecrã.

Naturalmente, há problemas. Ter todos os apontamentos no computador torna-nos vulneráveis se algo lhe acontecer, por isso somos encorajados a fazer *backups* com frequência. E nem sempre o *router* de Internet sem fios ou o servidor de Internet estão a funcionar, podendo transtornar uma aula. Ou então o servidor de intranet pode avariar (o que aconteceu no verão passado devido ao calor excessivo e à falta de arrefecimento adequado). No entanto tudo melhorou, em particular com novos cabos de fibra óptica, que fornecem uma velocidade de 100 *megabit* na Internet (ao contrário dos anteriores 2 *megabit*).

Alguns professores ainda preferem os velhos métodos, o que significa usar ou não a intranet e os computadores. Sem dúvida que, em comparação com o passado recente, o uso de tecnologia progrediu imenso e apesar de haver somente muito poucos lugares tão evoluídos quanto a Escola Secundária de Tønder, outros há que lentamente se vão modernizando.

Daniel Olesen

Tønder Gymnasium [<http://www.toender-gym.dk>]

Luís Reis

Centro de Competência Nónio ESB/UCP